

PENSAMENTO E POÉTICA VISUAL: INVESTIGAÇÃO DE ARTISTAS-AUTORES

8 CONTOS E UM PROJETO SECRETO – A AUSÊNCIA DE HEIDEGGER

Este estudo intenciona relacionar a invenção da fotografia com a questão da paisagem. Mas, sobretudo, fala da experiência da Floresta, como um importante campo experimental da arte das Américas, através do Espaço de instalações permanentes do Museu do Açude, criado pelo filósofo, crítico de arte e curador, Marcio Doctors. A entrada da fotografia na arte, especialmente no cenário europeu parisiense, é um dos motivos a impulsionar os artistas a saírem do ateliê em direção à paisagem, mesmo que ainda próxima, muitas vezes não mais longe do que um jardim, em busca de uma percepção da luz que pudesse ser mais real do que a própria luz que a fotografia era capaz de captar. Esse movimento é conhecido como uma das características do impressionismo. Nas Américas, diferentemente da Europa, deu-se o contrário: a fotografia reforçou e ampliou uma nitidez da imagem em direção a uma paisagem mais longínqua, reconfigurando a concepção espaçotemporal que influenciaria a percepção da arte dos meados do século XX, criando importantes conceitos como a Land Art.

No Brasil, por meio da experiência sensível com a Floresta – símbolo da natureza brasileira – essas novas noções de tempo e espaço foram percebidas por Doctors, que bem compreendeu não só uma necessidade local de reconfiguração espacial, que não poderia mais ser nomeada como jardim, assim como, que era preciso reafirmar noções importantes do nosso neoconcretismo. A irredutibilidade entre arte e natureza, se deu numa curadoria intencionalmente não ordenada como jardim. O projeto de Marcio Doctors, Espaço de instalações permanentes do Museu do Açude, foi premiado em 2004 pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro com o Prêmio Estácio de Sá, pela excelência do trabalho. Esse novo acervo contemporâneo, criado por Doctors, configura-se como um marco na história da arte brasileira, atualizando o Museu do Açude em seu tempo e, sobretudo, colocando a arte brasileira no patamar de uma das questões mais radicais da arte contemporânea no século XX. A Floresta vista como símbolo máximo da natureza, mito ancestral indígena. A partir dela buscou-se relacionar arte e natureza, ela é o foco desta pesquisa, é lugar de atração que possibilita a criação de um espaço. Em uma primeira lembrança do que é a Floresta, vem à mente a imagem da grande massa verde representante de um volumoso conjunto de árvores que, juntas,

integram o que chamamos Floresta. Esta não é uma imagem oca, sem interior, ela é habitada, repleta de existência, pulsante e forte em uma constante entre vida e morte. Seus espaços, externo e interno, são movidos por variantes espaciais de potentes forças das intempéries naturais. Enxergar o espaço da Floresta é um exercício de compreensão, onde o romantismo não tem lugar. Ver o que existe lá, sem ter a experiência integral dessa visão, só é possível pela fotografia. O Espaço de instalações permanentes, pioneiro no Brasil, formou o primeiro acervo contemporâneo instalativo junto à natureza potente da Floresta, e pôde assim ampliar o campo dessa experiência na arte. Esse projeto conceituado por Marcio Doctors inspirou a criação de outros espaços que relacionam arte e natureza, assim como o Instituto Inhotim. Isso pode ser percebido, não somente pelas datas em que surgem, mas pela confirmação dada por Inhotim, ao compreender que na sua concepção não bastaria ter tudo o que tem, mesmo sendo de qualidade, se não tivesse o trabalho Magic Square De Lux n. 5, de Hélio Oiticica.

Nas próprias palavras de Doctors (2000) relativamente à obra:

“O Magic Square n.º 5 De Luxe é a realização (no sentido de tornar real) de uma nova realidade plástica como anunciada por Mondrian em que arquitetura, escultura e pintura estariam fundidas e não integradas como na arte muralista ou na arte aplicada. De Luxe é a culminância de um processo do início do século XX, de desmonte do quadro para conservar a pintura. Só que a pintura teve que abandonar o plano da tela e buscar no espaço físico do mundo (fundindo-se como arquitetura) aquilo que a representação perseguia como imagem”.

(DOCTORS, 2000, p. 15)

Esta obra, escolhida primeiramente por Doctors, para o Espaço de instalações permanentes do Museu do Açude, foi a primeira maquete de Oiticica a ser instalada de modo permanente e público, revelando-se capaz de dialogar de igual para igual no cenário da arte contemporânea internacional, pelas questões que por ele são operadas: a afirmação de uma identidade local e ao mesmo tempo, pôr em jogo elementos fundamentais da arte, como a pintura e a reinvenção dela. A réplica feita em Inhotim (Coleção de Arte Contemporânea ao Ar Livre, localizada em Brumadinho, Minas Gerais, Brasil) confirma essa noção do artificial. A experiência confortável do mundo artificial de Inhotim se contrapõe à experiência desconfortável do Museu do Açude (Espaço de Instalações Permanentes, Rio de Janeiro, Brasil, acervo contemporâneo da coleção de Raymundo Ottoni de Castro Maya). É preciso experimentar as duas instituições para se atingir o

objetivo de perceber. O jardim é acolhedor, limpo, organizado, enquanto a Floresta é úmida, estranha, misteriosa, perigosa, desconfortável. Doctors usa a obra de Hélio Oiticica para capacitar a união entre a Floresta, mito e identidade da natureza brasileira, com questões da forma e da cor, pensadas por Oiticica, e de acordo com os princípios mais caros do neoconcretismo, como a exploração da sensibilidade no embate com a matéria. Portanto, as noções espaciais referidas são de uma natureza viva, não ordenada totalmente, próxima à ideia que se tem de uma natureza independente, não organizada como jardim, mas livre como um espaço. A pesquisa desenvolvida para a dissertação de mestrado resultou no estudo intitulado: Land Art como estratégia de proteção do espaço ante a virtualidade das imagens no século XX, no qual, através do conceito de Gestell em Heidegger, a arte se colocaria, na hipótese apresentada, no lugar do



A Via láctea, 3.000 litros de tinta branca e bolas de gás numa fonte do Museu do Açude, Rio de Janeiro, 1996 (e colagem do Jardim do éden e o sangue da górgona de 1994). Coleção Joaquim Paiva, MAM/RJ.

suprassensível, no lugar de fazer questão, no sentido de não abrir mão nem do tempo nem do espaço, mesmo diante da radicalidade da técnica no século XX. O recorte realizado destacava o impressionismo ao fim da construção de um inventário da relação da pintura com a paisagem, desde o século XVII, para em seguida, ir até às intervenções na natureza, realizadas pela Land Art americana. Ao longo da tese, foram abordados fatores que podem se corresponder com arte e natureza, e com a imagem dentro deste campo. O capítulo 1 faz um apanhado de informações sobre a tentativa de fixação da imagem e, por consequência, da invenção da fotografia. A partir desta abordagem, trata-se do seu uso nas vanguardas, como se deu a sua percepção e absorção nos EUA e no Brasil. E ainda, como a fotografia acompanhou a sua prática e interferiu, incentivando novas percepções sobre a paisagem.

CLAUDIA BAKKER-DOCTORS– É uma artista plástica carioca, conhecida pelas suas grandes instalações sensoriais com maçãs. Desde o início dos anos 90 cria sensíveis trabalhos que falam da dicotomia entre o efêmero e o permanente. Vem mostrando seu trabalho em diversas instituições, em exposições coletivas e individuais. Possui obras em

coleções públicas e privadas como as de Gilberto Chateaubriand, Sylvia e João Sattamini, Joaquim Paiva, MAM/RJ, dentre outras. Da experiência com obras que interagem diretamente na natureza, a artista investiga sobre formas da sensibilidade, aliadas a uma cosmogonia.